

A EXISTÊNCIA E ANGÚSTIA A PARTIR DA MORTE DE DEUS: UMA PROPOSTA DE  
NIETZSCHE PARA A TRANSCENDÊNCIA DO HOMEMLucas Ribas<sup>1</sup>EXISTENCE AND ANGUISH FROM THE DEATH OF GOD: A PROPOSAL BY  
NIETZSCHE FOR THE TRANSCENDENCE OF MAN**Resumo**

O presente artigo emerge com a proposta de explicitar como Friedrich Nietzsche sugere a existência baseada apenas na ação humana a partir da morte de Deus como tutor das ações do homem. Para tanto, o presente artigo tem como objetivo responder à seguinte problemática: Como se configura a existência humana a partir da morte de Deus e do Nihilismo? Para abordar tal problemática faz-se necessário apresentar, inicialmente, a relação da filosofia nietzschiana com a religião, sobretudo as críticas ao cristianismo, que para ele deformam a existência do homem.

**Palavras-chave:** Nihilismo; Existência; Deus. Angústia; Super-Homem.

**Abstract**

The present article emerges with the proposal to explain how Friedrich Nietzsche suggests an existence based only on human action after the death of God as the guardian of human actions. Therefore, this paper aims to answer the following problem: How is human existence configured after the death of God and Nihilism? In order to address this issue, it is necessary to first present the relationship between Nietzsche's philosophy and religion, especially his criticism of Christianity, which for him deforms the existence of man.

**Keywords:** Nihilism; Existence; God; Anguish; Superman.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia, com especialização em Neurociência e Comportamento humano; Antropologia e História; Docência no Ensino Superior e MBA em Gestão de Projetos. Graduando de Psicologia pela UniGuairacá e História pelo Instituto Zayn. Professor da Rede Estadual de Ensino do Paraná.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar a posição existencialista de Friedrich Wilhelm Nietzsche<sup>2</sup>. Embora Nietzsche não tenha tido contato com as ideias existencialistas de Sartre, o maior expoente desta corrente, podemos destacar alguns princípios existencialistas em sua filosofia e psicologia. É neste sentido que este trabalho pretende se construir, ou seja, mostrar os princípios existencialistas no pensamento nietzschiano.

Sua ideia da lei natural de sobrevivência em que o mais forte domina o mais fraco apresenta-se como contraposição ao cristianismo, nisso vê-se a inutilidade da defesa da existência dos fracos, pois os fracos enfraquecem a natureza, assim, deveria a natureza ser dos mais fortes para que ela fosse sempre mais forte. A partir disso veremos como a morte de Deus torna-se estopim para a plena existência humana, partindo daquilo que é próprio do homem e não regido pela tirania divina.

## DA QUEDA A ELEVAÇÃO DO HOMEM

É difícil falar da filosofia de Nietzsche sem abordar a religião, sobretudo o cristianismo. Todo seu pensamento é embasado em críticas as práticas cristãs. Como apresenta sua obra *Assim falou Zaratustra*, seu pensamento é pessimista e otimista ao mesmo tempo, pois o seu principal personagem proclama o esgotamento da civilização e o arrebol de uma nova era. Assim, analogamente o cristianismo, se levado a sério, conduz a uma decadência da civilização, pois torna a humanidade presa a uma moral dos fracos e que enfraquece, ao invés de valorizar a existência do ser humano e proclamar a superação do velho homem enclausurado em ilusão e alienação.

Trataremos neste artigo sobre o aspecto otimista de Nietzsche, que forçosamente é visto a partir de sua negação de Deus e superação do homem, promovendo assim a supervalorização da existência do homem e não de uma dependência de Deus. O homem é levado a partir de sua própria existência a um caminho de desdivinização e desumanização como aponta Araldi (2004, p. 289). Assim podemos visualizar o cristianismo, enquanto opressor da identidade humana, como a angústia do homem, que o leva sempre culpar-se por um “judeu crucificado a de dois mil anos e que se dizia o filho de Deus” (NIETZSCHE, 2000 aforismo 113) e o impede de superar-se, e, ser por si mesmo, a sua própria existência, tornando-se o super-homem.

## A ELEVAÇÃO DO HOMEM E SUA ANGÚSTIA

---

<sup>2</sup> Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu de berço cristão, no ano de 1844, seu pai era pastor luterano, e ele até pensou em seguir a carreira paterna. Contudo após a morte de seu pai, Nietzsche começou a afastar-se do cristianismo, mesmo estudando teologia e filosofia. Após seu contato com a obra de Schopenhauer, ele decide por sua ruptura com suas bases cristãs. Foi professor de Filosofia Clássica na Universidade de Basileia, recomendado por Ritschel que admirava o jovem Nietzsche. Neste mesmo período inicia o desenvolvimento de seus trabalhos estético-filosóficos. Após seu afastamento da Universidade escreve suas mais importantes e memoráveis obras, como *A Gaia ciência*, *Assim falava Zaratustra*, *Além do Bem e do Mal*, *Genealogia da Moral* entre outras. O interessante em sua filosofia é seu caráter fragmentário, aforístico e assistemático. Enraíza seu pensamento a partir de uma crítica radical das coisas, busca mais os problemas do que os sistemas. Para ele, o homem desviou-se de seus instintos, e por isso busca a moral cristã como refúgio.

A elevação da existência humana deve percorrer um caminho de sabedoria, que somente pode ser trilhado por aquele que se defrontou com sua angústia velada pela religião e os discursos fracassados do homem, que não quer transcender-se por medo ou comodidade. Ademais, a angústia é caracterizada por um ato voluntário do homem, um ato de violência contra si mesmo. A proposta de Nietzsche para a libertação de tal angústia é a morte de Deus, e essa morte só pode ser provocada pela ação humana.

A ação humana, então, condenou Deus à morte, e conseguiu realizar a condenação matando-O. Afirma Nietzsche na obra *A Gaia Ciência*:

Para onde foi Deus?’ – exclamou – ‘É o que vou dizer. Nós o matamos – vocês e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte? Que fizemos quando desprendemos esta terra da corrente que a ligava ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós? Longe de todos os sóis? Não estamos incessantemente caindo? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima e um abaixo? (...) Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, os assassinos entre os assassinos! O que o mundo possuiu de mais sagrado e de mais poderoso até hoje, sangrou sob nosso punhal – quem nos lavará desse sangue? Que água nos poderá purificar? Que expiações, que jogos sagrados seremos forçados a inventar? (NIETZSCHE, 2012 p. 137).

Foi a maneira como o homem conduziu sua fé que levou a existência de Deus ao seu fim. Não é a morte de Deus, como o concebemos, mas a morte de tudo que se declara como sendo de Deus e sendo Deus, isso mostra-se mais evidente em sua obra *Assim falava Zaratustra*. Sabemos que tudo o que morre deve ser colocado em algum lugar, e, Nietzsche afirma que Deus foi colocado também em algum lugar, a Igreja é o túmulo de Deus. E junto dele foram enterrados todos os valores morais que permeavam a sua existência.

## **A MORTE DE DEUS E A LIBERDADE DA EXISTÊNCIA**

A defesa da morte de Deus, carrega em si os postulados da defesa da liberdade do homem, sem Deus o homem é livre para agir por seus instintos, adquire autonomia sobre sua própria existência, não está condicionado a superioridade de um soberano, mas torna-se senhor de si mesmo. A partir dessa visão, compara a humanidade ao camelo, ao leão e a criança. Ao camelo por que possui uma grandeza, mas é submisso aos seus deveres e curva-se a ação moral; ao leão pois conseguiu libertar-se ao negar a Deus, torna-se o rei de si, possui uma autonomia conquistada por si próprio, age por sua volição, responde ao “eu quero” de sua liberdade e não ao “eu devo” de sua condição moral; e a criança, pois possui a partir disso, uma capacidade criadora de auto superação, de transcendência.

Este é o processo de transição da angústia causada pelo cristianismo para a liberdade da existência humana. Uma vez que o submisso ao poder divino, por meio de sua ação de liberdade inculcada em sua humanidade, torna-se rei de si e vê-se livre para ser o arquiteto de sua existência.

Os homens matam Deus, pois para Nietzsche, Ele oprimia, ameaçava e limitava o homem do seu “ser homem”, a existência divina inibia as potências humanas. Por não desejar e ter medo de enfrentar-se a si mesmo, o homem utiliza Deus como um refúgio, apenas uma sombra com a qual possa escapar do sol que da visão plena de sua existência racional.

Em suma, a morte de Deus é condição para o desenvolvimento do homem, tanto em sua inteligência quanto em suas capacidades, este fato histórico reafirma as potências humanas. Sem Deus, o homem pode ser homem, e não um simples fantoche dos valores divinos e ditados pela tirania de Deus.

Ao conduzir o cortejo fúnebre de Deus e colocá-lo em seu túmulo, o homem faz seu processo de emancipação e eleva-se sobre a sua inquietação produzida pelas pseudoangústias e necessidades criadas pela religião. Isso torna-se porta de entrada para o conceito de super-homem.

Mas se o homem é superior a si mesmo, e seu desenvolvimento depende somente de uma partição na guarda fúnebre de um criador e ditador de regras, como entendia Nietzsche, o que pode existir após a superação do sempiterno luto deste Deus que acabara de morrer? Precisamos dar atenção à questão do que pode haver após a morte de Deus, de modo análogo a nossa inquietação inexaurível do que pode existir após nossa passagem desta realidade.

## O NIILISMO E A SUPERAÇÃO DO NADA

Se Deus já não existe, o que podemos conceber como existente após a sua morte? A pergunta supracitada, pode ser respondida facilmente. A morte de Deus é o nada infinito, ou seja, a não existência de Deus alvítra a existência do Nada, e ter dito que Deus existe era apenas um modo de mascarar o Nada.

Deus carrega toda a lei moral em seu conceito e existência, retirar Deus do jogo pressupõe a desvalorização dos valores morais. Não tendo o “hospedeiro” e fundamento desses valores, não se tem os mesmos. Tudo isso apresenta-se pelo niilismo<sup>3</sup>, uma desdivinização de Deus. Assim, o humano perde-se em uma agonia e angústia, tal angústia o leva a uma desumanização.

Tudo o que resistiu na crença tradicional do homem como moralidade divina, com a proposta do niilismo apresenta-se evidentemente decadente. Desta decadente constatação, o niilismo caracteriza-se como fim da metafísica, morte de Deus e ateísmo. Os maiores postulados da reflexão niilista é de que Deus não morreu agora, pelo contrário, sempre esteve morto, mas apenas agora a consciência pode abrir seus olhos para esse fato. Disso, segue-se que o homem deve sempre inclinar-se para essa infindável morte de Deus, ou seja, ao nada eterno, pois do nada é que a angústia humana necessitou criar a Deus, que se caracteriza como um eterno retorno.

E, o homem, por sua vez, fixou sua existência na loucura de buscar ao finado Deus de Nietzsche, comparado ao homem que durante o dia vaga pelas praças com sua lanterna ligada tentando encontrar o refúgio de Deus, mas não o encontrara, pois o nada, nada se apresenta. Assim, o cristianismo define-se como religião niilista, pois venera o nada, que é Deus.

---

<sup>3</sup> Indica em geral uma concepção ou uma doutrina em que tudo o que é – os entes, as coisas, o mundo e em particular os valores e os princípios- é negado e reduzido a nada (ABAGNANO, 2007)

Venerar o nada é ver-se em um impasse, pois, se o Nada, nada se apresenta, então isso não passa de um teatro da *psyqué* humana. Se isto impede a potencialidade humana é preciso superar este estágio.

Mas a superação do estágio do nada, que invalida a existência humana e joga o homem em um oceano de angustia, deve ser aplicada de modo que o louco que vaga atrás do inexistente, do nada, precisa de toda forma superar sua loucura, mas como? Já sabemos que o homem possui liberdade e essa pressupõe a vontade e a capacidade de desenvolver as suas potências. É justamente por essa vontade de potência, que é predicado de poucos, que o homem pode superar-se, e superar o nada, transformando-se em ato aquilo que Nietzsche denomina super-homem.

O Deus que antes ocupava o lugar de criador, agora dá espaço ao homem criador. Por isso, o homem precisa desintegrar de sua existência os valores tradicionais e fundamentar novos valores baseados na vida, naturalizando a sua moral.

Desse postulado, o niilismo é ponte de circulação obrigatória para o eterno retorno, de onde advém esses novos valores. Aceitar radicalmente o que sou e onde estou, é a condição principal para a criação dessa nova valorização por parte do homem criador. Negativar o que impede o avanço da vontade de potência em superar-se e positivar o que agrega a existência do homem enquanto homem e criador de sua própria humanidade, senhor de si. Primeiro, o homem tem que desejar superar a si, e só assim reconhecerá o nada e superará o seu *nihil*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a filosofia nietzschiana baseou-se em ataques àquilo que era forte e tradicional em sua época. De acordo com Zilles (1991) o desenvolver sua crítica aos cristãos e à fé, ele nada apresenta de novo, se não uma proposta de fé em mitos, como o do eterno retorno. Suas concepções de *espírito livre*, do *príncipe Vogelfrei* e de *Dionísio*, servem de um refúgio para sua crítica. Pela boca desses personagens busca eximir-se daquilo que diz e que pode arrastá-lo para um julgamento.

Sua influência nos meios intelectuais é evidente, sobretudo durante o século XX. Porém, sua crítica tem olhos apenas para as debilidades encontradas no cristianismo histórico. Zilles chega a afirmar que se pode pensar que Nietzsche tenha sido até um cristão reprimido, como afirma: “É difícil verificar até que ponto sua fúria antirreligiosa não oculta um cristão potencial ou reprimido” (ZILLES 1991 p.180).

Não obstante, Nietzsche deixou seus frutos, o que hoje temos como niilistas nietzschianos, que empreendem uma defesa do nada, mas ao deixarem de lado toda a moral e aquilo que poderia preencher esses fundamentos, acabam por ficar nesse nada. Tornam a sua vida vazia, absurda, ou seja, um *nihil*. O que para Zilles caracteriza a “escola da desconfiança”.

O espectro de Nietzsche em sua negação da fé e também da razão pressupõe um individualismo, pois já não há ideia de bem, de bondade, de qualidade em um plano geral, mas cada homem sabe o que é bom e qualitativo para si. A *homo mensura* retorna pelo instinto de auto conservação de cada super-homem, como propõe em sua obra *Ecce Homo*. E isso é que leva o homem a felicidade. Para tal ataraxia reduz o homem ao instinto o rebaixa ao ser animal e não ao ser homem, fazer por condicionamento e não por reflexão, é retirar do homem sua capacidade de ser homem.

Nietzsche expressa sua gratidão àquilo que o cristianismo o ensinou, entretanto quer, no vocabulário de Freud, projetar no cristianismo tudo o que reprimiu em sua realidade de vida,

trazendo a público o seu ser sofredor, inquieto, destroçado e amargurado que se criou, isso vemos a partir de seu ódio selvagem e infernal contra tudo o que advém do cristianismo. Ou seja, a pseudo imagem de super-homem que Nietzsche tenta passar de si, é reflexo de suas misérias e sofrimentos, nada além do que uma tentativa de superar-se rebaixando as coisas que o cercam.

### REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luis. **Nilismo, criação, aniquilamento: Nietzsche e a Filosofia dos Extremos**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2004.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Nietzsche, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra**. Trad. Carlos Duarte e Ana Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2012.

\_\_\_\_\_. **Humano Demasiado Humano**. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia de Letras, 2000.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1991.